

# Gilberto Amado: a obra memorialística como instrumento de análise metateórica<sup>1</sup>

Recebido em  
21/08/2011

Aprovado em  
20/10/2011

Márcio Ferreira de Souza<sup>2</sup>

**Resumo** *A obra memorialística de Gilberto Amado (1887-1969) é o ponto de partida para a discussão acerca de sua contribuição para o pensamento social e político no Brasil. Composta por cinco títulos, dos quais se destacam: História da minha infância (1954), Minha formação no Recife (1955), Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa (1956), Presença na política (1958) e Depois da política (1960), tais publicações apresentam um arcabouço para a compreensão dos elementos formadores das reflexões do autor e a possibilidade de se pensar na produção memorialística como instrumento de análise metateórica. Dois focos são privilegiados: (a) a investigação da construção da identidade narrativa do autor; (b) a visão de sua obra memorialística como elaboração de um painel da sociedade brasileira, visto que, ao reconstituir sua própria trajetória, da infância à maturidade, Amado contribuiu para a construção de uma notável fonte documental para a compreensão do Brasil Republicano.*

**Palavras chave** *Gilberto Amado, Memorialismo, Pensamento Social no Brasil.*

## **Abstract**

*The memorialistic writing by Gilberto Amado (1887-1969) is the starting point for my discussing his contribution to the social and political thinking in Brazil. His writing comprises five books, the following being highlighted: História da minha infância (1954) [History of my childhood], Minha formação no Recife (1955) [My education in Recife], Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa (1956) [Youth years in Rio and the first trip to Europe], Presença na política (1958) [Present at politics] e Depois da política (1960) [After politics]; these*

<sup>1</sup>O presente texto é uma versão modificada do trabalho Gilberto Amado: reflexões sobre sua obra memorialística, apresentado no GT Pensamento Social no Brasil, no XV Congresso Brasileiro de Sociologia (SBS), realizado entre 26 a 29 de julho de 2011, em Curitiba, PR.

<sup>2</sup>Professor Adjunto do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

*works set the background for understanding the formative elements in the author's reflections and also the possibility of thinking the memorialistic writing as an instrument for meta-theoretical analysis. A twofold focus has been preferred here: (a) investigating the building of the author's narrative identity; b) viewing his memorialistic writing as elaborations on the framings of the Brazilian society, since, by rebuilding his own personal journey from his childhood to elderly years, Amado has contributed to building a remarkable documental source for understanding Republican Brazil.*

**Key-Words** *Gilberto Amado; Memorialistic Writing; Social Thinking in Brazil.*

## **Introdução**

A presente proposta de me aventar para algumas reflexões sobre a obra memorialística de Gilberto Amado (1887-1969) se estabelece a partir da percepção acerca do referido autor como um intelectual que exerceu importante contribuição para o desenvolvimento do campo de estudos sobre o pensamento social no Brasil. Entretanto, ainda que se possa recorrer a tal afirmação, não deixa de ser prescindível constatar que, de um modo geral, o reconhecimento da importância de Gilberto Amado para as ciências sociais e mesmo o conhecimento de sua obra, levando em consideração ao menos as gerações mais novas, não é suficientemente apropriado. Ao chamar atenção para esse fato, ainda que não esteja calcado em fortes elementos empíricos para tal, apresento como primeiro argumento a constatação de que, nos mais importantes congressos de Sociologia e/ou Ciência Política realizados em âmbito nacional, pouco foi abordado acerca de Gilberto Amado. Por outro lado, mesmo que em conversas informais com professores e pesquisadores da área, observo que o autor é praticamente ignorado. Também acredito, pelo que tenho tido acesso, que as publicações desse intelectual sergipano não venham ocupando espaços nas bibliografias das disciplinas de Pensamento Social no Brasil ou disciplinas afins. Ressalvo, porém, que essa é uma visão mais impressionista, visto que não me dediquei ao trabalho de observação e análise de ementas e programas de disciplinas de Pensamento Social no Brasil – ou Sociologia

Brasileira ou Política e afins. Por fim, outro argumento importante é o fato de a obra de Gilberto Amado não ter sido reeditada. Os escritos de sua autoria encontram-se esgotados. Uma das últimas reedições, o livro *Eleição e representação*, publicado originalmente em 1932, data do ano de 1999 e traz uma elucidativa introdução do falecido cientista político Olavo Brasil da Silva Lima Junior. Diante de todas essas carências é que justifico a importância de se refletir sobre a obra de Gilberto Amado.

Para enfrentar desafio de tal porte, torna-se fundamental um mergulho mais profundo nas inúmeras páginas escritas pelo autor, natural de Estância, Sergipe e pertencente a uma geração de escritores “nascida com a República”, no dizer de Guerreiro Ramos (1995). Amado teve formação em Farmácia, na Bahia e em Direito, na Faculdade de Recife. Apesar dessa formação, cabe lembrar que sua contribuição é significativa para as ciências sociais e sua obra é o exemplo concreto dessa contribuição. Vastíssima produção intelectual, composta por uma pluralidade de gêneros literários: romances (*Inocentes e culpados*, 1914; *Os Interesses da Companhia*, 1942), poesias (*Suave ascensão*, 1917), crônicas (*Dias e horas de vibração*, 1933; *Impressões de Viagem*, 1933), ensaios (*A Chave de Salomão*, 1914; *Grão de Areia*, 1919) e trabalhos analíticos acerca da vida política e social no Brasil (*As Instituições Políticas e o Meio Social no Brasil*, 1924 e, o já citado, *Eleição e Representação*, 1932).

Ressalto que meu objetivo, por ora, é o de apontar algumas reflexões especificamente sobre a obra memorialística de Amado. Dentre a multiplicidade dos gêneros literários pelos quais se empenhou, sua produção memorialística ocupa, a meu ver, um papel central no conjunto de sua obra. Ao se dedicar à sua autobiografia, seus esforços resultaram em cinco títulos: *História da minha infância* (1954), *Minha formação no Recife* (1955), *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa* (1956), *Presença na política* (1958) e *Depois da política* (1960).

### **Gilberto Amado: por uma sociologia biográfica**

Ocupando-me da leitura do citado conjunto de trabalho autobiográfico

de Gilberto Amado, parto da compreensão do significado dessa produção como configuradora de notável importância, tanto no conjunto da obra do autor quanto para o campo do pensamento social no Brasil. Meu interesse no estudo da obra memorialística de Amado está centrado em dois focos que procuro privilegiar no presente artigo: apontarei para a investigação da construção da identidade narrativa do autor em questão, a partir da qual creio ser possível identificar o delineamento sociológico fundamentado na pluralidade dos temas por ele abordados. A partir da evocação dessa multiplicidade de temas, em suas memórias, podemos constatar a elaboração de uma leitura antropológica da infância, levando em consideração a narrativa sobre os jogos infantis e as brincadeiras frequentes entre as crianças de sua geração, o modo de vida adolescente, a vida boêmia, a vida cotidiana, as práticas educativas, as condições de higiene pública, o papel da imprensa no Rio de Janeiro, a visão sobre a inteligência brasileira, os costumes políticos na República Velha, a vida social na Europa, sua inserção na política e nas relações internacionais, dentre outras abordagens. Paralelamente, destacarei a sua obra memorialística como uma construção de um abrangente painel da sociedade brasileira. A partir das evocações de Gilberto Amado – a trajetória da infância até a vida madura –, o leitor se defronta com a possibilidade de se apropriar de uma compreensão mais abrangente de sua construção intelectual, do processo de ebulição de suas reflexões e das influências intelectuais que se fizeram presentes no pensamento do autor, visto que ao reconstituir sua própria trajetória, Amado contribuiu para a construção de uma notável fonte documental para a compreensão do Brasil Republicano.

Torna-se importante ponderar que a pluralidade dos temas tratados por Amado, no decorrer de sua obra memorialística, foi construída devendo-se ao fato da própria riqueza e vastidão de sua experiência, que o transformou em tantos: o poeta, o jornalista, o político, o diplomata, dentre outros. Sob esse aspecto, tais facetas tornam-se múltiplas possibilidades de recorte sobre o autor e/ou sobre sua obra: pistas e indicações orientadoras para futuras pesquisas de investigadores do campo de pensamento social no Brasil que se interessarem pelo aprofundamento no universo amadiano<sup>3</sup>.

Para o momento, proponho uma reflexão que se encerra mais sobre as

possibilidades, do ponto de vista metodológico, do memorialismo como recurso de investigação. No caso específico de Gilberto Amado, as possibilidades de exploração de tal recurso são variadas e, por meio de suas memórias, pode-se aventar para discussões sobre sua própria biografia ou sobre os temas por ele abordados. Lembrando que uma opção não exclui, evidentemente, a outra, visto que a dimensão do olhar de Amado sobre as relações internacionais, para citar um exemplo, foi construída a partir de sua experiência diplomática. Minha preocupação, no presente trabalho, é a de refletir conjuntamente sobre autor e obra memorialística, na tentativa de também apontar, em termos gerais, para o memorialismo – seja de Gilberto Amado, Pedro Nava, Gilberto Freyre ou qualquer outro autor que o tenha feito – como instrumento heurístico de investigação sociológica. Apontando, também, para seus limites, como tratarei mais a frente.

Jean Duvignaud (2006), prefaciando o clássico de Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva*, chama atenção para a existência da memória individual destacando, porém, que tal memória “está enraizada em diferentes contextos que a similaridade ou a contingência aproxima por um instante”. Duvignaud complementa sua afirmação atentando para que “a rememoração pessoal está situada na encruzilhada de redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa à trama sincrônica da existência social *atual*, é da combinação desses diversos elementos que pode emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem” (*in* HALBWACHS, 2006, p. 12). Dada a combinação de uma diversidade de elementos evocados, junto ao talento literário de Amado, somam-se cerca de mil e quinhentas páginas, nas quais se fazem presentes ilustres personagens do cenário político, intelectual e cultural do país, com os quais o autor conviveu ao longo de sua vida. Dessa maneira é que cabe a afirmação de que, em sua obra memorialística, Gilberto Amado traça um panorama da sociedade e da cultura política no Brasil em seu tempo. Assim sendo, justifica-se a importância dessa conjunção autobiográfica como significativa para a compreensão do próprio país desde o emergente contexto da República até toda a primeira metade do século XX.

A produção memorialística é uma importante ferramenta para a reflexão sociológica. O sociólogo norte americano, George Ritzer, apontou o traba-

<sup>3</sup>Por ocasião da apresentação da minha dissertação de mestrado sobre Gilberto Amado, no GT Pensamento Social no Brasil, do XV Congresso Brasileiro de Sociologia, Maria Alice Rezende de Carvalho chamou atenção para tal fato, além de ter contribuído de maneira criativa e pertinente com o trabalho em questão, instigando ainda mais minha curiosidade sobre Amado. Meus agradecimentos pelas sábias intervenções da debatedora e aos coordenadores do GT, André Botelho e Milton Lahuerta.

<sup>4</sup>Tradução minha, do original em espanhol.

lho biográfico como uma “ferramenta metateórica”. Conforme as ponderações apresentadas por esse autor, destacando a existência desse tipo de trabalho da safra de vários teóricos, a exemplo dele próprio, o trabalho biográfico e autobiográfico é útil porque se configura em um instrumento que concorre para a compreensão da obra dos teóricos da sociologia e, em geral, aos sociólogos. Ritzer recorre ao historiador da ciência, Thomas Hankin, como uma de suas fontes para essa discussão, visto que Hankin irá apontar que “uma biografia completa do cientista que inclui não somente sua personalidade, senão também seu trabalho científico e o contexto intelectual e social de seu tempo, segue sendo a melhor maneira de compreender muitos dos problemas que acusam a escritura da história da ciência. A ciência é criada por indivíduos, e ainda que em grande medida possa estar guiada por forças exteriores, essas forças operam através do próprio cientista. A biografia é a lente literária com a que melhor pode ver-se este processo” (HANKIN *apud* RITZER, 2002, p. 241)<sup>4</sup>.

Ritzer tem, pois, a pretensão de sugerir – e com a qual estou de acordo – que, por diversas maneiras, a biografia pode ser útil para a análise metateórica. Trata-se de uma maneira de se pensar como o processo de construção intelectual de determinado autor vai sendo estabelecido. Entretanto, cabe ressaltar que, tratando de Gilberto Amado, estou considerando como objeto de investigação sua *autobiografia* – a produção memorialística escrita por sua própria pena. Observação fortemente relevante, pois há uma notável diferença em evocar a própria biografia do que ter uma biografia traçada pela pena alheia.

Retornando, então, a Gilberto Amado, considero sua produção memorial tomando como base a perspectiva apresentada por Ritzer, com a advertência, porém, que Amado é o autor de suas próprias memórias e as escreveu sem amarras metodológicas rigorosas, já que sua obra se caracteriza, primordialmente, pela elaboração de ensaios e enveredou pelo campo da literatura, produzindo romances e poesias. Penso que a pluralidade dos temas por ele evocados está relacionada ao seu autodidatismo no campo das ciências sociais, lembrando que sua formação foi em farmácia e, posteriormente, em Direito. Certamente, foi justamente pela falta de uma formação institucional no campo das ciências sociais que Amado foi levado a

se interessar por uma pluralidade de correntes teóricas e se alinhar na tradição ensaística do Brasil, da qual pertence uma gama de intelectuais dos séculos XIX e XX. O fato de não ter se formado dentro de uma tradição intelectual específica o “beneficiou” no sentido de que o autor obteve, como recursos intelectuais, correntes bastante diversificadas, embora venha a apontar, ao longo de seus escritos, para algumas fontes mais específicas das quais o autor tinha verdadeira admiração, como Tobias Barreto, para ficarmos em um exemplo.

Avançando sobre tal argumentação, cabe recorrer à análise de Guerreiro Ramos (1983) acerca da inteligência brasileira no contexto de 1930, na qual esse autor apresenta uma classificação dos intelectuais da geração da Primeira República. Guerreiro destaca Gilberto Amado, ao lado de Martins de Almeida, Virgínio Santa Rosa, Caio Prado Júnior e Nestor Duarte, como representante do que denomina pólo posicional, pertencente à categoria dos intelectuais “independentes”. Na concepção de Guerreiro Ramos, em tal categoria predomina a característica de tais intelectuais se identificarem como “analistas imparciais dos eventos”<sup>5</sup>. Ainda que tais classificações possam ser arbitrárias, penso que faz sentido pensar em Gilberto Amado como um autor independente, já que não fez parte de movimentos ou correntes mais específicas.

Recorro, também, à análise de Wanderley Guilherme dos Santos (2002) sobre o pensamento político-social brasileiro e a constituição do que denomina “imaginação social brasileira”. Ao fazer um balanço dos autores que refletiram sobre o estado da arte da constituição da “imaginação social brasileira”, aponta para a caracterização de três modalidades: a matriz institucional, a matriz “sociológica” e a matriz “ideológica”. A matriz institucional é entendida por Santos como “a organização, classificação e evolução do pensamento social brasileiro, segundo marcos organizacionais e institucionais” (SANTOS, 2002, p. 29)<sup>6</sup>. A matriz “sociológica” refere-se à “análise que se desenvolve, tomando como parâmetro características da estrutura econômico-social, quer (...) para explicar variações ocorridas sobretudo no conteúdo das preocupações dos investigadores sociais, como decorrência de modificações processadas na estrutura socioeconômica, quer, em casos extremos, para deduzir os atributos ou dimensões de pensamento so-

<sup>5</sup>Nessa classificação de Guerreiro Ramos (1983), são destacados dois pólos, com suas subdivisões em categorias, as características de cada uma dessas categorias e seus respectivos representantes. No Pólo Temático, estão presentes as categorias de Hipercorreção, Pragmatismo Crítico, *Carlylianos*, *Bonaldianos* e *Gorkianos*. No Pólo posicional, estão presentes as categorias de autores Cênicos, Periféricos, Fronteiriços, Confrontivos e Independentes. Para mais informações, consultar: RAMOS (1983) e SOUZA (2009).

<sup>6</sup>Santos (2002) destaca, como representantes desse grupo, as seguintes análises: COSTA PINTO, L. A. e CARNEIRO, Édison (1955). *As Ciências Sociais no Brasil*; FERNANDES, Florestan (1958). “O Padrão de trabalho científico dos sociólogos brasileiros”. *Estudos Sociais e Políticos*, 3, Univer-

cidade de Minas Gerais; AZEVEDO, Fernando de (1956). *As ciências no Brasil*. São Paulo, 2 v.; MENEZES Djacir (1956). *La Sociología en Brasil*. In: GURVITCH, George; MOORE, E (Ed.). *Sociología del siglo XX*, edición argentina com estudios sobre la sociología em los países latinoamericanos, bajo la dirección de Oreste Popescu, T. II, El Ateneo, Buenos Aires.

<sup>7</sup>São destacados: FERNANDES, Florestan (1956). *Ciência e Sociedade na evolução social do Brasil*. *Revista Brasileira*, 6.; FERNANDES, Florestan (1957). *Desenvolvimento histórico-social da sociologia no Brasil*. *Anhemi*, 75/76; SODRÉ, Nelson Werneck (1961). *A Ideologia do Colonialismo*. ISEB, Rio de Janeiro; TRINDADE, Helgio (1974). *Integralismo* (O fascismo brasileiro na década de 30). 2ª. Parte. Difel, São Paulo (SANTOS, 2002).

cial dos atributos e dimensões do processo social” (*idem*, p. 31)<sup>7</sup>. A matriz “ideológica” diz respeito à “preocupação de analisar os textos brasileiros de reflexão social com o objetivo explícito de buscar sua caracterização conceitual própria, independentemente dos azares conjunturais da empiria” (*idem*, p. 36)<sup>8</sup>. Penso que pode-se pensar acerca da contribuição de Gilberto Amado para as ciências sociais a partir da matriz “sociológica”, visto que, se o autor não faz parte do contexto institucional das ciências sociais, não é forçoso pensá-lo enquanto cientista social sob o aspecto de que, no conjunto de sua obra, refletiu “sociologicamente” sobre dimensões da vida política e social do Brasil.

Se procurarmos citar a produção sociológica propriamente dita de Amado, certamente trabalhos como *As Instituições Políticas e o Meio Social no Brasil* (1924) e *Eleição e Representação* (1932) surjam como exemplos acabados de sua incursão nesse campo mais específico. Por outro lado, em seus estudos ensaísticos como *A Chave de Salomão* (1914) e *Grão de Areia* (1919), Amado também elaborou profundas reflexões sobre o Brasil e suas representativas personagens políticas e intelectuais. A propósito, sobre *A Chave de Salomão* e, por acréscimo, sobre seus outros livros, escreve Amado no terceiro volume de suas memórias, *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa* (1956):

*Da A Chave de Salomão, como de todos os meus livros, mesmo os mais recentes, o comentário crítico limitou-se à parte relativa à representação verbal, expressão, língua, estilo. A filosofia, o essencial da posição do espírito, o jeito do homem diante dos problemas e das idéias, os seus gostos específicos, a independência e a inesperabilidade não só da sua linguagem mas do seu tom individual, tudo isso passa despercebido salvo a uma elite, a um ou outro espírito. O que na A Chave de Salomão era menos literário, no sentido fácil mais sério, ficou inédito. Não foi lido, não foi comentado sequer de passagem. (AMADO, 1956, p. 393).*

O lamento de Amado diz respeito à maneira como seus trabalhos eram recebidos, em seu tempo. De um modo geral, a recepção era sempre de forma



calorosa, com entusiasmo – assim como eram recebidas as suas conferências – por parte de seus comentaristas, sempre exaltando suas qualidades literárias, formais e estéticas, porém com pouco aprofundamento analítico.

Entendo, porém, que na obra memorialística de Amado, fonte de meu interesse nesse momento, pulsa a sua veia sociológica, ao relatar não só sua trajetória de vida, mas também por seu empenho em revelar uma narrativa calcada num olhar panorâmico, sem perder de vista as singularidades que cercam determinados contextos dos quais irá discorrer. O escritor esteve fortemente atento ao contexto que vai se ampliando à medida que iria, literalmente, ampliando também seus espaços de convivência e a sua rede de sociabilidades ao partir para a vida pública: da saída de Estância para Itaporanga, outro município sergipano, um pouco maior e de suas idas e vivências em Aracaju, Salvador, Recife, Rio de Janeiro e Europa, a experiência cada vez mais intensa com a vida intelectual, os trabalhos na imprensa (*Diário de Pernambuco, O Comércio de São Paulo, O país*, entre outros), o aprofundamento literário, a convivência com eminentes figuras da vida política e intelectual, sobretudo no Rio de Janeiro.

Da narrativa do período da infância, descrita em *História da minha infância* (1954), o primeiro volume de suas memórias, Amado irá atentar para os hábitos e tradições de Estância, sua cidade natal com riquezas de detalhes, como no caso dos hábitos alimentares tanto em Estância, como em outras localidades como Itaporanga, Aracaju e em municípios baianos, de uma maneira geral: o inusitado horário do jantar, às duas horas da tarde, a ceia à noite, compostas por “coisas leves”. O autor notou, entretanto, hábitos diferentes em Pernambuco, tal como descreveu em *Minha formação no Recife* (1955), recordando que o hábito do jantar era noturno, como nos tempos atuais. Seguem-se diversas recordações em seu primeiro volume de memórias ligadas aos alimentos, a vendedora de cocadas, as lembranças olfativas deixadas pela padaria próxima ao armazém de seu avô, de onde sentia o cheiro do pão saindo do forno, das rosquinhas, como as chamadas “donzelas furadas”.

Em suas memórias, Amado acabou por revelar a vida social do interior do nordeste brasileiro, no final do século XIX. Em sua arguta observação do cotidiano, na fase de sua infância, chamou atenção para hábitos comuns, como

<sup>8</sup>Destaques: GUERREIRO RAMOS, A. (1955a). Esforços de teorização da realidade nacional politicamente orientados, de 1870 a nossos dias. Conferência no I Congresso Brasileiro de Sociologia, São Paulo; GUERREIRO RAMOS, A. (1955b). A ideologia da “Jeunesse dorée”. *Cadernos de Nosso tempo*, 4; GUERREIRO RAMOS, A. (1956). O inconsciente sociológico – Estudo sobre a crise política no Brasil na “Década de 30”. *Cadernos de Nosso tempo*, 4 e LAMOUNIER, Bolívar (1974). *Ideology and Authoritarian Regimes. Theoretical Perspectives and a Study of the Brazilian Case*. Ph.D. Dissertation, University of California at Los Angeles. Cap. 9 (SANTOS, 2002).

o da colheita do araçá, momento em que Estância recebia muita gente. Evidentemente que suas evocações são rememoradas por meio de uma visão idílica, quando descreve sobre a colheita do araçá, revelando que “apanhar araçá era sinônimo de namoro”, sendo que foi ao pé do araçazeiro que muito namoro começou, “muito casamento se consumou”. Nesse sentido percebe-se que o olhar infantil permanece, o que poderia ser inconveniente e desconfortável (e certamente o era), prevalece ainda no olhar do homem maduro a perspectiva da criança como algo carregado de poesia: “(...) saias rasgadas, pernas picadas nos espinhos, risos, correrias loucas, tudo que nasce e floresce no verde paraíso de amores pueris” (AMADO, 1954).

Da vida religiosa encontramos a narrativa sobre a Semana Santa em Estância, por meio das pregações do Padre Aires, a quem chamou de o “Bossuet do Sertão”, em referência ao famoso teólogo francês, do século XVII. A fama do Padre Aires corria todo o sertão e este era disputadíssimo, de tal modo que “tinha Semana Santa ajustada até para além da morte”. Uma Semana Santa sem a presença do “Bossuet do Sertão” era “insípida”, “chilra”. A descrição acerca dos preparativos para essa festa sagrada é rica em detalhes, valendo-se da observação sobre a maneira de vestir dos homens e das mulheres, os perfumes, o hábito do uso dos bigodes, etc. Das festas religiosas, descreve também, sobre o “Mês de Maria”, as procissões, as cantigas sacras, as barracas que vendiam guloseimas. Recordar-se também das festas do Natal, identificando os reisados como o mais importante: “Reisado é um deslumbramento. Os vestidos das pastoras e rainhas, os brilhos dos canotilhos de folheado, o espelhante dos enfeites de latão, os laços de fita e os frocados de papel de seda, o relampejar das coroas de reis, rainhas e princesas, as sapatinas de cetim, todo o ouropel da vestimenteira já é uma festa”. Lembra-se dos cantos e da participação das crianças. “Menino de reisado sente-se também rei como o rei da festa”.

Da descrição, em *História da minha infância*, sobre os hábitos das crianças, as brincadeiras e brinquedos, em Estância e Itaporanga, para onde se muda entre os seis/sete anos de idade, recorda-se da rua como o local ideal da brincadeira e dos jogos: “manja”, “pícula” e “cabra-cega”. Passatempos como soltar papagaio, em geral depois das festas de São João, rodar pião e mesmo armar “ratoeiras” à beira da água, no Vaza-Barris, para apanhar

guaiamuns. Recorda a brincadeira do “capuco famanão”, a qual descreve: “capuco é a espiga de milho depois de tirados os caroços. Os meninos iam buscá-los nos quintais, no monturo, no chiqueiro, arrancando-o dos dentes e da lama dos porcos. A briga de capucos era como jogar pião, empinar papagaio, botar sal e pimenta em cima de sapo, dos maiores divertimentos da criança” (AMADO, 1954).

O seu arguto olhar sociológico é também demonstrado por meio da descrição sobre a primeira fábrica de tecidos em Estância, que surge como oportunidade de trabalho para as famílias pobres e orgulho para aquelas famílias que, na fábrica, tinham alguém empregado: “Já tem filhos na fábrica” (AMADO, 1954).

De Itaporanga, recorda dos carros de boi, dos banhos nos rios, da escola de Sá Limpa. Sua descrição sobre a escola de Sá Limpa (Dona Olímpia, a professora) é muito rica, pois resulta, também, em uma descrição sobre o que era o sistema educacional e pedagógico no interior do nordeste, em fins do século XIX. Castigos físicos aos alunos eram comuns. Estes aplicados por Carmela, a irmã solteira de Sá Limpa. Em alguns casos, descreve Amado, como em relação ao colega João Alfredo, seu próprio irmão, dono de uma oficina situada ao lado da escola, era o carrasco. A escola era composta por meninos – “mulher não precisa saber” – de idade entre seis e dez anos, mas havia eventualmente “marmanjos” de quinze e até dezoito anos, que eram meninos de engenho que chegavam tardiamente para estudar.

Sobre os hábitos de higiene, que descreve em *História da minha infância*, retoma novamente a questão quando de sua passagem por Salvador, narrada em *Minha formação no Recife*, a propósito de sua vida de estudante na capital baiana: “as condições sanitárias da existência de estudante de república na Bahia suportariam comparação com as piores que o mundo pudesse ter conhecido, em morro, favela ou superpovoado rincão da Índia”. Ainda descreve, até mesmo, o problema da higiene pessoal, a falta d’água, o banho dos estudantes em pias que eram próprias para se lavar garrafas, pertencentes aos vendedores com os quais estabeleciam laços de amizade. Aborda novamente a questão da higiene, por ocasião do período em que viveu em Recife, onde viveu em pensões, descrevendo sobre as péssimas condições de limpeza e saneamento e sobre morte de estudantes acometi-

9Maria Claudia Cavalcante elaborou sua dissertação de Mestrado em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História, na Universidade Federal de Campina Grande, sob o título “Em frente ao espelho, recompondo e decompondo cacões de si: intelectualidade e memória em Gilberto Amado”. Um dos aspectos abordados pela autora diz respeito à problemática da higiene no Brasil da Primeira República. Parte da dissertação foi publicada sob o título “Quando o corpo também precisa saber: relatos de formação intelectual em Gilberto Amado” (CAVALCANTE, 2010). Disponível em <http://www.ufcg.edu.br/~historia/mnemosinerevista/>

dos pela peste bubônica<sup>9</sup>.

De sua fase como estudante na Bahia, relata sobre a “boçalidade sexual” como forte elemento do comportamento dos jovens. As doenças venéreas eram como troféus para os jovens: “As moléstias obrigadas a sândalo Midy, óleo de copaíba, xarope de Gilbert, pílulas de Ricord, eram consideradas fato natural. Muitos se gloriavam das contaminações e dos seus efeitos, como se fossem emblemas ou troféus de vitória. Não contentes, zombavam dos precavidos e esclarecidos que resguardavam o corpo e não ostentavam as mesmas mazelas”.

Outra lembrança diz respeito à vida no engenho, a partir de sua experiência a passeio no Engenho de São Carlos. Escreve sobre a maleita, comum nos engenhos; a relação entre a negra Maria dos Passos (“um esplendor de africana”) e Alexandre Freire, homem branco, dono do engenho com quem teve quatro filhos, sugerindo a falta de preconceitos raciais. Da vida do engenho chega a fazer referência ao escritor José Lins do Rego: “Tenho pena do menino que nunca viveu vida de engenho”. Outra figura interessante do engenho, descrita por Amado, é a negra Salu, uma mandingueira, de quem muitos tinham medo: “entrevada podia no entanto arrastar-se até o chiqueiro. A cara quase roçava o chão. Rastejava para dar de comer aos porcos (...). Maria dos Passos vinha consultá-la como uma burguesa da cidade consulta cartomante (...). Salu tinha consigo toda sorte de amuletos, talismãs e signos (...). O engenho todo a consultava. Benzia, curava, tirava espírito do corpo de negrinhos em mal de amor”.

Além de Salu, apresenta também uma abordagem sobre o sincretismo religioso no nordeste, recordando-se da pregação da Santa Missão, que não era necessariamente uma festa religiosa e da qual narra uma ocasião de passagem de uma dessas missões por Itaporanga. Desse evento, participavam as “mulheres-damas”. A benzedeira Balbina é outro exemplo do efervescente sincretismo religioso fortemente arraigado no nordeste brasileiro.

As descrições de Amado, como já apontado, são inúmeras e comumente pormenorizadas em suas narrativas. Não irei me ater em detalhes por julgar necessário apontar para um aspecto relevante na obra memorialística do autor, que diz respeito à sua formação intelectual. Cabe ressaltar que Amado descreve, no primeiro volume de suas memórias, que seu contato

com o mundo se dava através dos jornais lidos na loja de seu Melk, o pai (Melchisedech Amado de Faria). O aprendizado inicial da leitura é realizado por sua própria mãe, Donana (Ana Machado), a instrutora. Ainda criança, já dotado da capacidade de leitura e presenciando acontecimentos relevantes, em sua região, Amado torna-se atento para as lutas políticas na primeira década republicana em Sergipe, descrevendo sobre as agitações em Itaporanga. Após a passagem pela escola de Sá Limpa, o passo seguinte para o desenvolvimento de sua formação, intelectual e de vida, prossegue com sua ida para o colégio em Aracajú, onde inicia uma nova fase de vida no Colégio Oliveira. Ao descrever sobre o professor Oliveira e sobre o colégio, apresenta uma visão da escola e do ensino no Brasil, já que aponta para o fato de que, no seu tempo, escola no Brasil era “arremedo de ensino, à luz da técnica didática”. Dessa maneira, já estava atento para os limites do ensino no Brasil, ao constatar que poucos eram os professores com capacidade profissional, pois a maioria era “nomeada por política, para emprego no orçamento”. Paradoxalmente, é justamente no momento em que irá sair do Colégio Oliveira – ao voltar para Itaporanga devido a um momento de crise financeira que obrigou seu pai a vender seu comércio e, assim sendo, não teria mais recursos para ser mantido em colégio interno –, que Amado irá desenvolver o “prazer de ler”.

Ainda que a situação econômica da família não fosse plenamente satisfatória, com apoio do pai Amado, irá para a Bahia estudar Farmácia. Em Salvador, pode matricular-se na Faculdade de Medicina e como complemento de sua mesada passa a ministrar lições de preparatórios a outros colegas. Inicia-se sua fase de frequências cada vez mais assíduas a bibliotecas. Considerava os dois anos em que viveu na Bahia como decisivos em sua formação (AMADO, 1955).

Sua próxima experiência será em Recife, para onde vai, em 1905, cursar Direito. Na capital pernambucana, reafirma suas preocupações intelectuais e desenvolve ainda mais intensamente suas leituras, dentre elas, aquelas dedicadas a autores como Augusto Comte, Herbert Spencer e Friedrich Nietzsche. Dos autores brasileiros dedicou-se a leitura das obras de Silvio Romero, Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, João Ribeiro e o Conselheiro Lafayette.

<sup>10</sup>Ano em que também havia sido nomeado professor de Direito Criminal na Faculdade do Recife.

Tobias Barreto (1839-1889) passa a ser a grande referência para Amado, que irá desenvolver seu interesse pela obra e pelo “homem”, ainda que, em suas narrativas, revele as frustrações quando, ao procurar saber mais sobre o autor de *Estudos Alemães*, via Arthur Orlando e, mais tarde, Graça Aranha, que conviveram com Barreto, não conseguiu retirar informações mais precisas acerca do grande integrante da Escola do Recife. Outras leituras importantes que também realizou foram de autores como Sílvio Romero. Nota-se, pois a diversidade de influências intelectuais sobre Gilberto Amado.

Do Recife, segue para o Rio de Janeiro, embarcando para a capital federal em 1910, momento áureo da *belle époque*. No Rio, conviveu com importantes figuras do cenário político, como o influente político Pinheiro Machado a quem vai conhecer no Palácio da Guanabara. Obtém grande prestígio intelectual, vivenciando sua experiência no jornalismo, no *Jornal do Commercio* e, em seguida, tornou-se cronista admirável, responsável pela coluna dominical “A Semana”, publicada na primeira página de *O País*. Suas descrições sobre o Rio de Janeiro, apresentadas no terceiro volume de suas memórias, *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa* (1956), são verdadeiros relatos etnográficos nos quais irá atentar para os costumes, a vida boêmia e a rotina de uma cidade ainda tranquila.

Ainda no volume *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa*, apresenta um interessante relato sobre a frustrada experiência de apresentação de sua candidatura à Câmara Federal, pelo terço em Sergipe, em 1911<sup>10</sup>. A partir desse relato, revela os costumes políticos e a dinâmica eleitoral na República Velha:

*Dez dias antes da eleição rebentou em Aracaju telegrama do Rio: o Catete, à última hora, tinha candidato – João de Siqueira, pernambucano, amigo do Marechal [Hermes da Fonseca]. Rejeitado por Dantas Ribeiro, que não atendera ao pedido do mesmo Marechal para incluí-lo na chapa, seria o deputado por Sergipe no lugar que me estava reservado e me fora garantido. Ajuntava o telegrama que eu era mômço e devia esperar. O Marechal prometera ao amigo uma cadeira na Câmara. Dava-lha a de Sergipe, a minha. (AMADO, 1956, p. 183)*

O ano de 1912 marca sua primeira viagem à Europa, a convite do Ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, com a finalidade de desenvolver, na Holanda, um estudo sobre as condições e processos de colonização nas suas possessões nas Índias Ocidentais. Em Haia, conhece Graça Aranha.

Homero Sena, biógrafo de Amado, relata que “na Europa, Gilberto ia, enfim, ver o que o Brasil não lhe podia dar, ia encontrar uma coisa que até então só havia visto nos livros: o passado” (SENNA, 1968, p. 112). Senna cita, também, uma conferência que Amado proferiria mais tarde, na qual suas impressões acerca da Europa são reveladas: “A Europa é uma atmosfera densa, cujas camadas representam séculos. A Inglaterra é construída sobre pedras romanas. Uma rua de Paris é um rio que vem da Grécia” (AMADO *apud* SENNA, 1968, p. 112).

A experiência política de Gilberto Amado está relatada em *Presença na Política* (1958), o quarto volume de suas memórias. Em 1915, Amado foi eleito deputado federal por Sergipe. Nesse período de atuação, tornam-se famosos os seus discursos, com destaque para aquele que pronunciara em 1916 e que seria, posteriormente, publicado como o estudo *As instituições políticas e o Meio Social do Brasil*, incorporado em volume organizado por Vicente Licínio Cardoso, à *Margem da História da República* (1924)<sup>11</sup>.

Com relação à própria Câmara Federal, Amado irá discorrer em suas memórias que esta “era um clube agradável onde se conversava de tudo e nada se fazia de fato pelo Brasil”. Num interessante capítulo do quarto volume de suas memórias, intitulado “Os Wandenkolkkes”, Amado revela que o ato de se escrever memórias “suscita um bando de problemas” e a ocorrência de tal constatação se estabelece devido ao fato de que “indivíduos notórios no seu tempo desaparecem de tal maneira com a sua época que para evocá-los só a arte com o seu poder de ressucitar”. Amado estava recordando da ocasião de seu discurso, proferido na seção de 9 de dezembro de 1916, o já citado sobre as *Instituições Políticas e o Meio Social no Brasil*. Recorda o autor, que, na ocasião desse discurso, iria exclamar para si próprio: “Quantos Wandenkolkks!”, em referência a uma estampa colorida, que vira ainda criança em Itaporanga, na qual vinha destacado um nome diferente embaixo de uma farda, a do Almirante Wandenkolk, membro do

<sup>11</sup>Sobre *As Instituições Políticas e o Meio Social do Brasil*, José Murilo de Carvalho apresenta a crítica de que o autor “repetiu a análise de Couty, sem, no entanto, dar o devido crédito ao francês ou a Sílvio Romero, que já a retomara em 1906. Sem dispor de dados atualizados, afirmou que nada teria mudado na situação social do país desde os tempos do Império. Os 15 milhões de habitantes do interior, afirmou, eram gente pouco produtiva, entregue à própria miséria, sem saúde, sem hábitos de trabalho, dominada por superstições, inútil como força econômica. E concluiu, exatamente como Couty em 1884: ‘Povo, propriamente, não o temos’. Em 1925, Gilberto Amado retomou o exercício, já então com a ajuda dos resultados do censo de 1920” (CARVALHO, 2003, p. 98-99).

governo provisório. Soou-lhe bem aquele nome que para a posteridade, porém, nada passou a significar, sendo apagado da vida do país. Assim, ao exclamar: “Quantos wandenkolks!”, Amado observa que sobre muitos de seus colegas na Câmara não haveria de como falar, ainda que tenham existido ao seu lado (AMADO, 1958, p. 28-29).

Nesse quarto volume de suas memórias, Amado oferece aos seus leitores o relato de sua vivência nos governos de Epitácio Pessoa e Arthur Bernardes, ainda que tenha procurado ressaltar seu papel de “figura pequena, mas viva no cenário”, como descreveria depois, em *Depois da Política* (1960), num parágrafo de síntese de seus empreendimentos anteriores. Aborda também a figura de Raul Soares, ressaltando que nesse período passa a ter a sensação de “existir politicamente”. Ainda complementa afirmando que, nos primeiros meses do Governo de Washington Luís, sua “força nunca foi tanta”, o que será retratado no quinto volume de suas memórias. Nesse volume, relata suas experiências quando embarca novamente, em 1930, para a Europa em missão oficial. Uma terceira estada na Europa é realizada, onde Amado ficou por cerca de quase dez anos, retornando ao Brasil somente em 1945. Outra experiência relatada foi sobre sua eleição como membro da Comissão do Direito Internacional, pela Assembléia das Nações Unidas.

### **Considerações finais**

As descrições acima apresentadas sobre o conjunto de memórias de Gilberto Amado não têm a pretensão de representar as tantas minuciosidades de uma obra calcada numa riqueza quantitativa e qualitativa que o presente texto não ousa revelar. Por ora, ao optar pela reprodução de algumas passagens das memórias de Amado, meu objetivo foi o de apontar para alguns aspectos mais gerais levantados pelo autor, na tentativa de defesa do argumento de que o recurso evocativo do passado por Amado tem um significado sociológico, no sentido de que suas evocações se configuram na construção de um panorama do próprio país no contexto da metade do século XX, com atenção especial para o período da Primeira República.



Cabe ressaltar que minha leitura acerca da obra memorialística de Gilberto Amado não toma toda sua narrativa como “a” verdade. Creio ser esse alerta importante porque tratamos de “memória” e, especificamente, da memória individual. Nesse sentido, ao recorrer ao seu passado, o memorialista (penso aqui de modo geral e não estou me referindo exclusivamente a Amado) está fadado a “recriar” em cima dos fatos. Não há lembrança absoluta, a memória é seletiva, existe uma série de fatores que influenciam na sua construção.

<sup>12</sup>Editado pela primeira vez em 1975.

Em *Tempo Morto e Outros Tempos*, de Gilberto Freyre (1999), é possível reconhecer a elaboração de um livro que resultou dos registros do mestre de Apipucos, a partir de 1915, quando este contava, então, com 15 anos de idade e se estende até 1930, abordando, pois, toda sua fase de formação intelectual, do período de sua adolescência no Recife ao período de estudos nos Estados Unidos e de suas primeiras viagens à Europa. Esse é um exemplo de livro autobiográfico que se propõe como documento memorialístico de um autor que resolve publicá-lo já em idade madura. De acordo com o *release* do livro: “Enfurnado durante muitos anos em um baú, com uma grande parte destruída pelo cupim, o texto foi resgatado sem alterações, selecionados os trechos que o autor, na maturidade, julgou mais significativo. Diante disso, o crítico norte-americano Stephen Greenblatt classifica o livro como autoconstrução, documento que permite observar um homem maduro revivendo sua juventude, o que garante a esse tempo morto uma vivíssima atualidade”. O fato é que, Freyre, ao retomar esse trabalho, já na década de 1970<sup>12</sup>, ainda que se tenha decidido pelo resgate do texto “sem alterações” (o que é de se duvidar), Freyre se ocupou de selecionar “o que julgou mais significativo”. Creio que esse já é um indício importante para a reflexão sobre o que seja importante para o trabalho de um memorialista.

O cineasta catalão Luis Buñuel, em *Meu último suspiro* (1982), apresenta um dado interessante ao propor a narrativa de suas evocações quando admite que a memória como traiçoeira e, nesse sentido, o autor assume que, em suas lembranças, há, também, muito de criatividade e, dessa maneira, não se furta em admitir que, nesse livro, também povoam a “invenção”. Invenção aqui não no sentido de “mentira”, mas como elemento criativo para o delineamento das impressões e da construção subjetiva do autor acerca

<sup>13</sup>Pouco foi produzido sobre o episódio, exceto, certamente, pela cobertura dos jornais da época (“... Aníbal Theófilo, assassinado covardemente pelo deputado Gilberto Amado, que, por isso, foi promovido a senador”. Humberto de Campos. Diário Secreto, I, Quarta-feira, 4 de abril de 1928. Apud BARBOSA, Clóvis, 2010). Uma referência sobre o crime cometido por Gilberto Amado encontra-se no livro “Cenas da Vida Sergipana, 2”, de Acrísio Torres, publicado pela Thesaurus Editora (s/d), conforme Clóvis Barbosa. Em seu blog, o advogado Clóvis Barbosa publicou algumas postagens sobre o referido crime e sobre o julgamento que absolveu Amado: “Gilberto Amado foi a júri no dia 30 de junho de 1916, um ano depois do assassinato de Aníbal Theófilo. O promotor público, que foi auxiliado pelo dr. Cyrillo Júnior, pedira a pena máxima. Mas, os advogados

de um tempo passado e de um espaço específico. Nesse sentido cabe alertar para as “ficções da memória”.

Antonio Candido, por sua vez, no ensaio “Poesia e ficção na autobiografia”, dedicado à produção memorialística de Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, também aponta para essa questão. Sobre Pedro Nava, há uma passagem significativa para se pensar a relação entre memória-imaginação:

*Confinado nos limites de sua memória, com vontade tensa de apreender um passado que só lhe chega pelo documento e por pedaços da memória dos outros, o Narrador penetra simpaticamente na vida dos antepassados e dos parentes mortos, no seu ambiente, nos seus hábitos, e não tem outro meio de os configurar senão apelando para a imaginação. Desse modo, sobretudo em Baú de ossos, o relato adquire um cunho de efabulação e o leitor o recebe como matéria de romance. (CANDIDO, 2006, p. 73)*

Observo que, ao pensar sobre sua própria biografia, Gilberto Amado dedicou-se não somente às evocações de seu passado, mas traçou um panorama do Brasil da República Velha. Por outro lado, cabe pensar que a produção memorialística torna-se uma importante ferramenta, significando, por sua vez, uma ferramenta metateórica, visto que o autor não só descreve sobre o seu tempo passado, mas, a partir dessa descrição, acaba teorizando sobre a sua própria escrita. Traz para o presente suas memórias.

Por fim, cabe ressaltar, também, que esse estilo literário esbarra em muitos limites, visto que omissões de fatos importantes da própria biografia do autor ocorreram. Um deles se trata do episódio do assassinato do poeta Aníbal Theófilo, por Gilberto Amado, em 1915, do qual o escritor foi absolvido. Em sua biografia, escrita por Homero Senna, tal fato também é omitido<sup>13</sup>. Trata-se de um acontecimento importante que implica em uma série de questões: pode ter uma relação direta com o ostracismo e “esquecimento” desse autor, ainda que Amado tenha continuado sua vida pública e adquirido prestígio social nos anos que se seguem, tal como descrito em algumas passagens do presente texto. Porém, são meras especulações e não tenho por intenção entrar no cerne dessa questão, por falta de ele-

mentos substantivos para tal. Cito-a apenas como um exemplo de que o memorialismo, ainda que seja uma ferramenta legítima como fonte de conhecimento sobre um autor e sua obra, é também um recurso sobre o qual deve se tratar com base no reconhecimento de seus limites.

## Referências Bibliográficas

AMADO, Gilberto (1954). *História da minha infância*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

\_\_\_\_\_ (1955). *Minha formação no Recife*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

\_\_\_\_\_ (1956) *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

\_\_\_\_\_ (1958) *Presença na política*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

\_\_\_\_\_ (1960) *Depois da política*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

\_\_\_\_\_ (1999) *Eleição e representação*. Introdução Olavo Brasil da Silva Lima Junior. Brasília: Senado Federal.

BARBOSA, Clóvis. (2010) Gilberto Amado-Aníbal Theófilo - O julgamento. In: *Blog de Clóvis Barbosa*. <http://clovisbarbosa.blogspot.com/2010/12/gilberto-amado-anibal-theofilo-o.html>. Acesso em 16 de março de 2011.

BUÑUEL, Luis. (1982) *Meu último suspiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CANDIDO, Antonio. (2006) "Poesia e educação na autobiografia". In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.

de defesa, Evaristo de Moraes, Aníbal Freire e Manoel Villaboim, refutaram com vantagem a acusação. O júri reconhecera que o réu havia assassinado a vítima com superioridade em armas, mas com privação de sentidos. Deste modo, o juiz pôs o acusado em liberdade. Embora ocorrido no Rio, o crime de Gilberto Amado, crime que ele, depois de tantas humilhações de Aníbal Teófilo, não pudera evitar, e o reconhecera a absolvição do júri, o crime de Gilberto, repito, teve largas repercussões políticas em Sergipe. Parece estranho à primeira vista, esta afirmação, mas teve decisiva influência nos novos rumos da política sergipana. Estava no governo de Sergipe Oliveira Valadão, que, aliás, o detinha pela segunda vez, num espaço de tempo de apenas duas décadas" (BARBOSA, Clóvis, 2010).

CARVALHO, José Murilo de. (2003) “Os três povos da República”. *Revista USP*, São Paulo, n.59, p. 96-115, setembro/novembro.

CAVALCANTE, Maria Claudia. (2010) “Quando o corpo também precisa saber: relatos de formação intelectual em Gilberto Amado”. *Mnemosine Revista*. Campina Grande, vol.1, No.1, jan-jun. Disponível em <http://www.ufcg.edu.br/~historia/mnemosinerevista/>

DUVIGNAUD, Jean. (2008) “Prefácio”. In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 3ª. reimpressão.

FREYRE, Gilberto. (2006) *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930)*, 2.ed., São Paulo, Global.

RAMOS, Alberto Guerreiro. (1983) A inteligência brasileira na década de 1930 à luz da perspectiva em 1980. In *Revolução de 1930; Seminário Internacional*. Brasília: UnB.

RAMOS, Alberto Guerreiro. (1995) *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

RITZER, George. (2002) *Teoria Sociológica Moderna*. Madrid: McGraw-Hill/ Interamericana de Espanha, S.A.U.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. (2002) “Paradigma e História: a ordem burguesa na imaginação social brasileira”. In: *Roteiro Bibliográfico do Pensamento Político-Social Brasileiro (1870-1965)*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz (pp. 19-71).